



SOBRE AS ORIGENS DOS “MISTÉRIOS DE MITRA”: UMA REFLEXÃO EM TORNO DA HIPÓTESE DE FRANZ CUMONT E DE SUA UTILIZAÇÃO DE *TEBAIDA* DE ESTÁCIO E *VIDA DE POMPEU* DE PLUTARCO

**ON THE ORIGINS OF THE “MYSTERIES OF MITHRAS”:
A REFLECTION ON FRANZ CUMONT'S HYPOTHESIS AND
HIS USE OF STATIUS' *THEBAID* AND PLUTARCH'S *LIFE OF POMPEY***

Ismael Wolf¹

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão em torno das origens dos chamados “mistérios de Mitra”, partindo da hipótese formulada pelo historiador belga Franz Cumont, na obra *The Mysteries of Mithra*, publicada em edição inglesa de 1903. É realizada uma análise em torno das proposições de Cumont e a utilização que ele faz de documentos literários da Antiguidade greco-romana, mais especificamente das obras *Vida de Pompeu* de Plutarco e a *Tebaida* de Estácio. Ao final, são apresentadas algumas das limitações da abordagem de Cumont, bem como novas possibilidades a partir desses documentos literários.

Palavras-chave: origens; mistérios de Mitra; Franz Cumont; Tebaida; Vida de Pompeu.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the origins of the so-called “mysteries of Mithra”, based on the hypothesis formulated by the Belgian historian Franz Cumont, in *The Mysteries of Mithra*, published in an English edition of 1903. An analysis is carried out around the propositions of Cumont and his use of literary documents from Greco-Roman antiquity, more specifically the works *Life of Pompey* of Plutarch and *Thebaid* of Statius. In the end, a few limitations of Cumont's approach are presented, as well as new possibilities using these literary documents.

Keywords: origins; mysteries of Mithras; Franz Cumont; Thebaid; Life of Pompey.

INTRODUÇÃO

Desde o fim da década de 1890, especialmente com base nos estudos de Franz Cumont, os “mistérios de Mitra”, o culto romano ao deus Mitra, tem sido alvo de abordagens diversas por arqueólogos e historiadores que têm se debruçado sobre este objeto de

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Av. Pasteur, 458 - Urca - Rio de Janeiro – RJ, Brasil - CEP 22290-240. Professor titular de História na Rede Municipal de Educação de Gravataí – RS, Brasil. E-mail: wolf_ismael@yahoo.co.uk; ismael.wolf@edu.unirio.br



pesquisa. Felizmente, fontes históricas materiais são abundantes e não há dúvidas sobre a existência das experiências religiosas dos “mistérios de Mitra” no Império Romano, especialmente entre os séculos I e IV d.C. (TURCAN, 2000, p. 33-34).

Da cidade de Roma até os mais remotos confins do território imperial há um grande número de registros do culto a Mitra, normalmente patrocinados por militares e funcionários públicos imperiais (SCHEID, 2017), seja através de seus templos – estruturas arquitetônicas conhecidas como *mitreus*² –, de inscrições variadas, da numismática, dedicatórias, altares e outros objetos religiosos. A cultura material apresenta uma série de registros de imagens religiosas envolvendo o culto a Mitra e suas crenças (BELAYCHE, 2021, p. 140-142). Um exemplo claro disso são os numerosos casos das representações da tauroctonia, talvez o maior símbolo desta religião, nas quais Mitra é retratado matando um touro (DALGLISH, 2017, p. 17). Ainda que esta representação possua pequenas variações de lugar para lugar, fica claro que normalmente segue um padrão geral (DALGLISH, 2017, p. 22-24).



Figura 1: *The Standish tauroctony, British Museum.*³

² Em latim: *mithraeum* (singular) e *mithraea* (plural).

³ Número de registro do museu: 1825,0613.1 ; CIMRM 592.



Um dado relevante, contudo, é o fato de que os registros literários sobre os cultos a Mitra no Império Romano não são muitos e são cheios de lacunas. Não temos notícias de que, por exemplo, algum adepto do culto romano a Mitra tenha deixado para as gerações seguintes algum escrito teológico que informasse detalhes sobre os rituais e sobre as crenças e conhecimentos compartilhados pelos adoradores desta divindade. Talvez isso se dê pelo fato deste culto envolver conhecimentos que deveriam ser apenas de um seletivo grupo de iniciados, o que faria com que seus adeptos e seus sacerdotes não pudessem ou não tivessem interesse em registrar ideias do grupo que deveriam estar restritas apenas ao próprio. É também possível que escritos deste tipo possam ter sido destruídos por algum grupo religioso rival.⁴ Neste momento não temos condições de avançar para além do campo da especulação em relação a isso. O fato é que existem apenas esparsos registros escritos da antiguidade sobre os “mistérios de Mitra”, bem como sobre suas origens no mundo romano. Alguns autores da antiguidade greco-romana nos legaram, direta ou indiretamente, algumas linhas sobre assuntos envolvendo o culto a Mitra, sendo que alguns textos dizem respeito ao seu culto persa e outros estão relacionados ao culto romano, ou seja, aos “mistérios de Mitra”.⁵ Dada a natureza lacunar destas fontes literárias e as esparsas informações que elas trazem, bem como os diferentes objetivos de cada um dos autores que as escreveram, alguns tópicos envolvendo os “mistérios de Mitra” no mundo romano permanecem com um grande ponto de interrogação. Essas dúvidas têm suscitado controvérsias e respostas variadas entre historiadores e arqueólogos ao longo dos séculos XX e XXI. Um dos tópicos disputados, especialmente o que nos interessa neste artigo, diz respeito ao tema das origens do culto romano a Mitra.

Este artigo propõe uma breve reflexão em torno da hipótese de Franz Cumont sobre as origens dos “mistérios de Mitra” no Império Romano, bem como busca analisar parte da documentação literária greco-romana utilizada por ele, a saber as obras *Vida de Pompeu*⁶ de Plutarco e a *Tebaida*⁷ de Estácio. Como critérios de relevância, entendemos que compreender como o historiador belga utilizou estes documentos literários na formulação de

Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1825-0613-1. Acesso em: 15 dez. 2022.

⁴ Aqui nos cabe conjecturar. Os escritos do cristão Justino Mártir, por exemplo, apresentam o mitraísmo como algo maléfico (Justin, *Apol.*66.4). É comum na história das religiões observarmos tentativas de “apagamento da memória” e de silenciamento. Não seria absurdo conjecturarmos que algum documento literário mitraico possa ter sido destruído. Se isso aconteceu com imagens religiosas das mais variadas, poderia acontecer também com textos sagrados e outros tipos de manuais teológicos. No entanto, devemos frisar que as “religiões de mistérios” antigas apelavam pouco a textos, e mais a ícones e outros objetos materiais. Assim, existe a possibilidade de nenhum documento literário ter sido produzido pelos adeptos dos “mistérios de Mitra”.

⁵ Para uma lista com esses documentos literários da Antiguidade greco-romana, consultar *Mithras: all the passages in Graeco-Roman literature*. Disponível em: https://www.tertullian.org/rpearse/mithras/literary_sources.htm. Acesso em: 02 nov. 2022.

⁶ Plut. *Vit. Pomp.*

⁷ Estat. *Theb.*



sua hipótese nos permite identificar as suas limitações e os seus pontos positivos, bem como suas concepções teórico-metodológicas. Em uma perspectiva do *métier* de historiador, revisitarmos o trabalho de Cumont e as documentações utilizadas por ele torna-se importante tendo em vista que nos possibilita novas reflexões sobre os olhares historiográficos oriundos de outros tempos, bem como a formulação de novas questões a partir do tempo presente.

O PROBLEMA DAS ORIGENS DOS “MISTÉRIOS DE MITRA” E SEU ESTADO DA ARTE

Há uma longa tradição, que se estendeu pelo século XX e chegou até nós no século XXI, tratando dos estudos sobre os “mistérios de Mitra” e conseqüentemente sobre as origens e a expansão deste culto no Império Romano. O debate em torno das origens deste culto no Império Romano tem sido alvo de diferentes visões e enfoques historiográficos ao longo das últimas décadas. Não há consenso em torno deste tema. No entanto, ele é importante, tendo em vista que a compreensão sobre o início deste culto implica em aceitar ou não elementos teológicos e míticos das antigas “religiões orientais”, especialmente da Pérsia e da Índia. Segundo Roger Beck, as principais questões envolvendo as origens do mitraísmo romano dizem respeito às hipóteses de continuidade ou descontinuidade, à simples migração ou a uma nova invenção (reinvenção) do culto (BECK, 2002). Isso significa que muitos estudiosos têm se concentrado em polos distintos no que se refere a este tema.

Obviamente, todos reconhecem de alguma forma a influência das antigas religiões persas sobre o culto romano. Entretanto, varia o entendimento sobre a intensidade, a permanência, as rupturas e as inovações.⁸ Ainda que tenhamos uma longa tradição de estudos que apontam para dois caminhos distintos, de continuidade e reinvenção/inovação, as pesquisas dos últimos trinta anos têm apresentado uma tendência para argumentos pró inovação, ou seja, a ideia do culto em Roma não ter sido apenas uma continuidade da antiga religião persa, mas uma novidade, tem se consolidado. Isso não quer dizer que não existam mais estudiosos que optem por um caminho argumentativo que privilegie elementos de continuidade, mas, apenas que os adeptos do culto romano como inovação, ou seja, os adeptos do modelo de ruptura (ou novidade completa) parecem ser, neste momento, maioria (BECK, 2002). Hipóteses elaboradas nas últimas décadas e presentes nos estudos de Roger Beck (1998, 2001 e 2006), Manfred Clauss (2000) e Aleš Chalupa (2016) confirmam

⁸ Ao longo de mais de cento e vinte anos de estudos sobre os “mistérios de Mitra” as posições sobre o tema das origens foram variadas. Para um maior conhecimento sobre as hipóteses de reinvenção/inovação do culto, além dos trabalhos de Beck, Clauss e Chalupa, consultar os trabalhos de Gordon (1975), Merkelbach (1984), Hopfe (1994) e Ulansey (1991). Argumentos sobre a continuidade do culto em diferentes níveis podem ser encontrados nos trabalhos de Bivar (1998), Campbell (1968), Widengren (1980), Tripolitis (2002) e Pourshariati (2019).



essa tendência, ainda que em níveis distintos e com entendimentos com pontos de divergência.

CUMONT E SUA HIPÓTESE SOBRE AS ORIGENS DOS “MISTÉRIOS DE MITRA”

O grande número de elementos da religião de Mitra ao longo do território do Império Romano tem chamado a atenção de diversos estudiosos ao longo dos séculos XX e XXI. O “pai” destes estudos, sem sombra de dúvidas, é o arqueólogo e historiador belga Franz Cumont. Em seu livro *The Mysteries of Mithra*, publicado em edição inglesa de 1903,⁹ Cumont dá conta de sua posição sobre as origens do mitraísmo romano. A hipótese sugerida por ele é a de que a religião mitraica no Império Romano teria sido “a forma romana do mazdeísmo”, que seria a religião persa disseminada desde o Oriente. Desta forma, para Cumont, as raízes do mitraísmo romano se encontravam no território do atual Irã. Ainda que houvesse inovações como, por exemplo, uma substituição da língua persa pelo grego e pelo latim como língua litúrgica, Franz Cumont entendia que a cerimônia teria continuado essencialmente persa. Ele também defendeu que diferentes elementos simbólicos do mazdeísmo iraniano permaneceram no mitraísmo romano (CUMONT, 1903, p. 28-29).

A visão de Franz Cumont sobre as origens dos “mistérios de Mitra” no Império Romano se enquadra no que podemos chamar de “história evolucionária”, ainda que ele não adote esse termo. Segundo Bonnet e Lannoy (2018), Cumont, antes da I Guerra Mundial, pode ser definido como possuidor de uma visão positivista¹⁰ sobre o progresso religioso da humanidade¹¹. Assim sendo, ele teria adotado uma abordagem historicizante das religiões, se utilizando de uma metodologia “empírica”. Sua filosofia da história buscava organizar e classificar as experiências religiosas de acordo com padrões das ciências naturais. A crença de Cumont no progresso da humanidade afetava sua visão sobre a história das religiões, onde sistemas religiosos mais primitivos teriam progredido até se tornarem sistemas religiosos mais elaborados. Segundo esta abordagem de Cumont, os “mistérios de Mitra” e outras religiões orientais estariam em um ponto transicional entre a religião tradicional romana e o cristianismo, sendo o cristianismo também um ponto de transição.¹² A crença positivista no progresso da humanidade certamente influenciou a pesquisa de Cumont sobre

⁹ Tradução da edição francesa de 1900, intitulada *Les mystères de Mithra*.

¹⁰ O positivismo é uma escola filosófica criada originalmente pelo francês Augusto Comte (1798-1857).

¹¹ Aqui é importante não confundir com o chamado “darwinismo social”, termo guarda-chuva para um conjunto de hipóteses surgidas na segunda metade do século XIX, inspiradas na teoria da seleção natural de Charles Darwin (1809-1882).

¹² O positivismo considera a chamada “religião da humanidade” como o destino final no processo de progresso religioso.



os “mistérios de Mitra” e seu olhar sobre a história das religiões de forma geral (BONNET; LANNOY, 2018, p. 157-165).

Nos dois primeiros capítulos de *The Mysteries of Mithra*, intitulados *The Origins of Mithraism*, e *The Dissemination of Mithraism in The Roman Empire*, Cumont trata da questão das origens e apresenta o culto como pertencente a uma grande linha de progresso, onde a experiência religiosa dos “mistérios de Mitra” seria um desdobramento histórico das antigas religiões do Irã e anteriormente da Índia. Para tal reflexão ele se utiliza dos antigos livros dos Vedas e dos Avestas, bem como material arqueológico. Desta forma, Cumont traça um caminho “evolutivo” para a divindade que ao longo do tempo teria adquirido diferentes atributos, sendo adaptada dentro de diferentes narrativas míticas e incorporando ao longo do tempo elementos semíticos e helênicos. Com o tempo, Mitra também teria sido associado pelos gregos ao deus Hélios, o que reverberaria na experiência romana que reforçaria ainda mais a associação de Mitra ao Sol (CUMONT, 1903, p. 1-32). O trecho abaixo representa bem o pensamento de Cumont sobre as origens dos “mistérios de Mitra”:

Todos os ritos originais que caracterizaram o culto mitraico dos romanos remontam inquestionavelmente às origens asiáticas: os trajes de animais usados em certas cerimônias são uma sobrevivência de um costume pré-histórico muito difundido que ainda sobrevive nos nossos dias; a prática de consagrar cavernas nas montanhas ao deus é, sem dúvida, uma herança da época em que os templos ainda não eram construídos; as cruéis provas impostas aos iniciados recordam as sangrentas mutilações perpetradas pelos servos de Ma e de Cibele. Da mesma forma, as lendas das quais Mitra é o herói não podem ter sido inventadas, exceto em uma época pastoral. Essas tradições antigas de uma civilização primitiva e tosca subsistem nos Mistérios ao lado de uma teologia sutil e de um elevado sistema ético. Uma análise dos elementos constitutivos do mitraísmo, como um corte transversal de uma formação geológica, mostra as estratificações dessa massa composta em sua ordem regular de deposição. A camada basal dessa religião, seu estrato inferior e primordial, é a fé do antigo Irã, de onde teve sua origem. Acima deste substrato mazdeano foi depositado na Babilônia um espesso sedimento de doutrinas semíticas, e depois as crenças locais da Ásia Menor acrescentaram a ele seus depósitos aluviais. Por fim, uma luxuriante vegetação de ideias helênicas irrompeu desse solo fértil e ocultou parcialmente da vista sua verdadeira natureza original (CUMONT, 1903, p. 31-32).¹³

¹³ Texto original: “*All the original rites that characterized the Mithraic cult of the Romans unquestionably go back to Asiatic origins: the animal disguises used in certain ceremonies are a survival of a very widely-diffused prehistoric custom which still survives in our day; the practice of consecrating mountain caves to the god is undoubtedly a heritage of the time when temples were not yet constructed; the cruel tests imposed on the initiated recall the bloody mutilations that the servitors of Ma and of Cybele perpetrated. Similarly, the legends of which Mithra is the hero cannot have been invented save in a pastoral epoch. These antique traditions of a primitive and crude civilization subsist in the Mysteries by the side of a subtle theology and a lofty system of ethics. An analysis of the constituent elements of Mithraism, like a cross-section of a geological formation, shows the stratifications of this composite mass in their regular order of deposition. The basal layer of this religion, its lower and primordial stratum, is the faith of ancient Iran, from which it took its origin. Above*



Desta forma, usando uma linguagem própria das “ciências duras”¹⁴, Cumont sintetiza a sua ideia de linha progressiva da religião de Mitra, onde o culto teria tido suas raízes mais primitivas em uma época pré-histórica e progressivamente teria se desenvolvido até culminar na experiência religiosa vivenciada no Império Romano. Essa abordagem positivista pensa a história das religiões como interligada com a história do progresso da espécie humana (BONNET; LANNOY, 2018, p. 164).

Ao desenvolver sua hipótese sobre as origens dos “mistérios de Mitra”, Cumont também se utiliza de algumas fontes literárias da Antiguidade greco-romana. Iremos destacar aqui as obras *Vida de Pompeu*¹⁵ de Plutarco e a *Tebaida*¹⁶ de Estácio. As fontes históricas escritas que tratam dos “mistérios de Mitra”, embora esparsas e fragmentadas, são sempre norteadoras no sentido de que fornecem caminhos iniciais para as pesquisas sobre o mitraísmo no Império Romano. E mesmo que possamos, em certos pontos, identificar nelas linhas de pensamentos tendenciosos, ainda assim precisamos ter a sensibilidade de analisar o que cada uma delas pode manifestar através de seus discursos explícitos e implícitos, assim como também através de seus silenciamentos.

Falemos então brevemente sobre esses dois documentos utilizados por Cumont para a elaboração de sua hipótese sobre as origens dos “mistérios de Mitra” e que são oriundos dos dois primeiros séculos d.C. O mais antigo destes dois documentos foi escrito por Públio Papínio Estácio, por volta dos anos 80-90 d.C., um poeta e professor nascido na região da atual Nápoles, que ficou famoso principalmente por ter produzido um poema épico que acabou sendo denominado *Tebaida*. Ele também é autor de outro épico conhecido como *Achilleid* e da coleção de poemas epidícticos denominada *Silvae*, esta última uma fonte de informações sobre a Roma de Domiciano e sobre a própria vida do poeta. Estácio foi um contemporâneo dos imperadores Vespasiano e Domiciano (DOMINIK; GERVAIS; NEWLANDS, 2015, p. 3).

Em *Tebaida*, Estácio construiu uma narrativa sobre os conflitos pelo Trono de Tebas, cidade-estado grega, que teria sido alvo de disputa pelos filhos de Édipo. É dessa documentação literária que Cumont se utiliza para endossar sua hipótese sobre as origens dos “mistérios de Mitra” em sua experiência no Império Romano. Vale ressaltar que o contexto em que Mitra é introduzido nesse trecho da *Tebaida* se encontra dentro de uma oração ao deus Apolo. Em poucas palavras Mitra é apresentado como uma divindade que

this Mazdean substratum was deposited in Babylon a thick sediment of Semitic doctrines, and afterwards the local beliefs of Asia Minor added to it their alluvial deposits. Finally, a luxuriant vegetation of Hellenic ideas burst forth from this fertile soil and partly concealed from view its true original nature.” (Tradução nossa.)

¹⁴ Termo guarda-chuva para as disciplinas que se utilizam de observação sistemática, experimentos etc. Incluem-se nesta perspectiva as ciências naturais como, por exemplo, geologia, astronomia, física e biologia.

¹⁵ Plut. *Vit. Pomp.*

¹⁶ Estat. *Theb.*



está "sob rochas das pérsicas grutas, torcendo irados chifres relutantes"¹⁷ (Estat. *Theb.*1.719-720). Cumont utiliza este documento de maneira breve e de forma indireta:

Não foi até o final do primeiro século que o nome de Mitra começou a ser divulgado em Roma. Quando Estácio escreveu o primeiro canto da *Tebaida*, cerca de oitenta anos depois de Cristo, já havia visto representações típicas do herói tauróctono [...] (CUMONT, 1903, p. 37).¹⁸

A citação de *Tebaida*, do trecho citado anteriormente, aparece como nota de rodapé para endossar a ideia de Cumont de que a imagem do Mitra da tauroctonia já estava "circulando" na cidade de Roma ao final do primeiro século d.C. As palavras utilizadas por Estácio, de fato, nos fazem lembrar da tradicional cena da matança do touro. Cumont utiliza a narrativa de Estácio como uma espécie de prova de que o mito da tauroctonia já estaria circulando no imaginário dos moradores de Roma, ou pelo menos de alguns deles, no momento em que a obra literária foi produzida. Ao apontar que "(Estácio) já havia visto representações típicas do herói tauróctono", o historiador belga deixa claro o seu posicionamento de que a *Tebaida* seria um documento fidedigno para se identificar um marco temporal para a circulação da representação da tauroctonia na cidade de Roma. Desta forma, Cumont não apenas confere autoridade para a narrativa de Estácio, mas também a vincula de maneira indubitável à tauroctonia. Devemos nos lembrar que a visão de Cumont era a de uma religião em progresso. Assim, ele não percebe esse novo momento como uma grande virada, mas, como uma variação progressiva dentro de um contexto religioso maior.

Outro ponto importante sobre o trecho da obra de Estácio citado por Cumont, diz respeito ao entendimento de Cumont de que o "culto romano" de Mitra estaria diretamente ligado ao "culto persa". O fato de Mitra ser apresentado relacionado a uma caverna rochosa identificada como "persa" sugere fortemente que o autor estava pensando as raízes de Mitra como relacionadas à região da Pérsia. Para uma melhor reflexão, devemos lembrar que, na Antiguidade e na historiografia moderna, a religião de Mitra foi tradicionalmente vinculada a origens persas, ainda que, atualmente, a maior parte dos estudiosos não defenda uma ideia de continuidade entre o "culto persa" e o "culto romano" (BECK, 2002),¹⁹ como vimos anteriormente. Neste sentido, teria Estácio cometido algum tipo de anacronismo impondo sobre o Mitra de séculos anteriores uma visão do culto a Mitra já do primeiro século d.C.? É

¹⁷ Texto original: "*seu Persei sub rupibus antri indignata sequi torquentem cornua Mithram.*"

(Tradução de Leandro Dorival Cardoso, 2018, p. 159). Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/157165/cardoso_id_dr_arafcl1.pdf?sequence=14&isAllowed=y>. Acesso em: 16 out. 2022.

¹⁸ Texto original: "*It was not until the end of the first century that the name of Mithra began to be generally bruited abroad in Rome. When Statius wrote the first canto of the Thebaid, about eighty years after Christ, he had already seen typical representations of the tauroctonous hero [...].*" (Tradução nossa.)

¹⁹ BECK, 2002.



difícil responder a esta pergunta, mas o fato é que o texto não nos fala nada diretamente sobre as origens do culto a Mitra no Império Romano, o que temos são indícios indiretos sobre uma possível ligação entre o “culto romano” e suas supostas origens persas, através de uma narrativa elaborada no final do século I d.C.

Outra obra literária utilizada por Cumont para a construção de sua hipótese sobre as origens dos “mistérios de Mitra” no Império Romano foi a escrita por Plutarco (46-120 d.C.), filósofo ligado ao chamado médio platonismo, que também foi historiador, magistrado e sacerdote do Templo de Apolo em Delfos. Nascido na região da Queroneia, Plutarco tornou-se um cidadão romano ao longo de sua vida (STADTER, 2014, p. 13-31). Diferentemente de Estácio, Plutarco oferece indícios mais fortes sobre as origens do culto a Mitra no Império Romano. A obra utilizada por Cumont e escrita por Plutarco, encontra-se dentro de uma série de biografias redigidas pelo escritor grego, denominada como *Vidas Paralelas*. Nesta série de biografias, Plutarco expõe virtudes e vícios que, segundo ele, estariam presentes nas vidas de alguns nobres gregos e romanos. Cumont cita essa obra de Plutarco, mais especificamente a biografia de Cneu Pompeu Magno (106–48 a.C.), um dos integrantes do chamado Primeiro Triunvirato de Roma, intitulada *Vida de Pompeu*.

De acordo com a narrativa oferecida por Plutarco, piratas da Cilícia, uma província na Anatólia, praticavam o culto a Mitra. Segundo relatado por ele, “esses piratas ofereciam estranhos sacrifícios no Olimpo e celebravam ali certos ritos secretos, entre os quais os de Mitra, que continuam, até hoje, tendo sido instituídos primeiro por eles” (Plut. *Vit. Pomp.*24).²⁰ Plutarco apresentou assim uma versão muito clara sobre o que ele pensava, ou pelo menos o que ele gostaria que os outros pensassem sobre as origens dos “mistérios de Mitra” no Império Romano, ou ainda sobre uma característica religiosa do culto que ele gostaria que fosse identificada aos piratas da Cilícia. A narrativa de Plutarco se refere a eventos que teriam ocorrido no século I a.C. e que ainda estariam ecoando no período em que ele escreveu a sua obra, visto que o escritor faz questão de frisar que o culto a Mitra permanecia até aquele momento sob influência daqueles homens. Plutarco também é claro quando fala que o culto a Mitra teria sido instituído primeiro por aqueles piratas, ou seja, seriam eles os precursores ou difusores deste culto no Império Romano. Assim, Plutarco atribui os princípios dos “mistérios de Mitra” no território imperial romano ao período das Guerras Mitridáticas.²¹

²⁰ Texto original: “ξένος δὲ θυσίας ἔθουον αὐτοὶ τὰς ἐν Ὀλύμπῳ, καὶ τελετὰς τινὰς ἀπορρήτους ἐτέλουον, ὧν ἡ τοῦ Μίθρου καὶ μέχρι δεῦρο διασώζεται καταδειχθεῖσα πρῶτον ὑπ’ ἐκείνων.” (Tradução nossa.)

²¹ Apiano, um historiador que viveu entre o final do primeiro século e a segunda metade do século II depois d.C. também relatou as atividades destes chamados piratas no mesmo período (App. *Mith.* 14). Isso não necessariamente confirma que a narrativa de Plutarco estava certa sobre as origens do culto a Mitra no Império Romano, mas, apenas que esta narrativa encontra conotações de verossimilhança.



Passemos então para análise do uso que Cumont faz deste documento. Em um dos momentos de *The Mysteries of Mithra*, ao tratar das origens do mitraísmo romano, Cumont escreve que:

De acordo com Plutarco, Mitra foi introduzido muito antes na Itália. Os romanos, segundo este relato, teriam sido iniciados em seus Mistérios pelos piratas da Cilícia conquistados por Pompeu. O testemunho de Plutarco não tem nada de improvável (CUMONT, 1903, p. 36-37).²²

Vemos aqui que o autor utiliza as informações trazidas por Plutarco sobre as origens do mitraísmo em Roma terem se dado através dos piratas da Cilícia, uma região do Ponto, ainda no século I d.C., quando Pompeu conquistou aquela região. Estas informações dizem respeito à conquista de Pompeu no ano 64 a.C., quando foi vitorioso na Terceira Guerra Mítridática. Antes da vitória de Pompeu, a região era controlada por piratas que comercializavam escravos. O episódio teria provocado, então, a propagação do culto a Mitra pelo Império Romano, resultando na expansão e em um novo momento para esta religião que iria assim continuar a se desenvolver nos novos espaços em que estaria presente. Segundo Cumont, esse episódio estaria dentro de um contexto maior em que as guerras de conquista e “essas sucessivas anexações dos Césares foram a primeira causa da difusão da religião mitraica no mundo latino. Começou a se espalhar sob os Flavianos e se desenvolveu sob os Antoninos e os Severos [...]” (CUMONT, 1903, p. 36)²³. A narrativa produzida por Plutarco é tratada por Cumont como fidedigna. Isso fica claro quando o historiador belga afirma que “o testemunho de Plutarco não tem nada de improvável em si”. O fato dele não realizar grandes questionamentos sobre a narrativa de Plutarco está de acordo com a concepção de história de Cumont e de sua geração, mais especificamente com a crença na superioridade das fontes escritas.

Continuando nossa análise da utilização desta documentação por Cumont, observamos sua afirmação de que “é possível que no final da república o deus persa tenha encontrado alguns devotos fiéis na população mista da capital” (CUMONT, 1903, p. 37)²⁴. Ao se expandir pelo território do Império Romano, através destes piratas da Cilícia que levavam junto consigo a própria religião, ela teria alcançado a cidade de Roma:

Não foi até o final do primeiro século que o nome de Mitra começou a ser geralmente divulgado no exterior em Roma. Quando Estácio escreveu a

²² Texto original: “According to Plutarch, Mithra was introduced much earlier into Italy. The Romans, by this account, are said to have been initiated into his Mysteries by the Cilician pirates conquered by Pompey. Plutarch’s testimony has nothing improbable in it.” (Tradução nossa.)

²³ Texto original: “These successive annexations of the Caesars were the first cause of the diffusion of the Mithraic religion in the Latin world. It began to spread there under the Flavians and developed under the Antonines and the Severi [...]” (Tradução nossa.)

²⁴ Texto original: “it is possible that towards the end of the republic the Persian god actually had found a few faithful devotees in the mixed populace of the capital.” (Tradução nossa.)



primeira Tebaida, cerca de oitenta anos depois de Cristo, já tinha visto representações típicas do herói tauróctono, e consta do testemunho de Plutarco que em seu tempo (46-125 d.C.) a seita mazdeísta, já gozava de certa notoriedade no Ocidente. Esta conclusão é confirmada por documentos epigráficos (CUMONT, 1903, p. 37-38).²⁵

Assim, a hipótese defendida considera que, através destes piratas da Cilícia que levavam junto consigo a própria religião, o culto a Mitra teria iniciado sua expansão pelo Império Romano e alcançado o seu coração, a cidade de Roma. Ele utiliza os escritos de Estácio e de Plutarco com a finalidade de demonstrar que o mitraísmo havia adquirido notoriedade ao longo do tempo, o que estava sendo comprovado pela documentação literária e confirmada pelos documentos epigráficos. É importante dizer que Cumont não para por aí. Ele entende que a propagação do culto a Mitra no território imperial se deu por diferentes fatores, sendo disseminado por soldados, escravos e mercadores (CUMONT, 1903, p. 77-78), e adota cautela em relação a isso:

Ao afirmar categoricamente que Mitra foi introduzido desta ou daquela maneira em uma determinada região, nossa generalização manifestamente não pode reivindicar exatidão absoluta. As causas simultâneas da propagação dos Mistérios estão tão misturadas e entrelaçadas que seria uma tarefa inútil tentar desvendar fio por fio as fibras desse emaranhado (CUMONT, 1903, p. 77).²⁶

Assim sendo, ainda que considere fidedigna a possibilidade de um movimento de propagação inicial do culto a Mitra no Império Romano através dos piratas do Cilícia, Cumont apresenta-o apenas como uma forma de “start” para uma disseminação que teria se desenvolvido de maneira “misturada”, “entrelaçada” e que não deve ser definida através de generalizações.

Ao analisarmos a forma como Cumont lidou com esses documentos literários, percebemos que ele o fez conferindo-lhes considerável autoridade e buscando colocá-los em harmonia com seus conhecimentos arqueológicos. Ele não adota uma postura questionadora diante dos autores antigos, mas, utiliza-os para confirmar a sua hipótese dos “mistérios de Mitra” como uma religião em movimento de progresso, ou seja, as informações trazidas pelos autores da Antiguidade são utilizadas por Cumont como informativas e endossadoras de sua visão mais abrangente sobre a história das religiões.

²⁵ Texto original: “*It was not until the end of the first century that the name of Mithra began to be generally bruited abroad in Rome. When Statius wrote the first of the Thebaid, about eighty years Christ, he had already seen typical representations of the tauroctonous hero, and it appears from the testimony of Plutarch that in his time (46-125 A.D.) the Mazdean sect. Already enjoyed a certain notoriety in the Occident. This conclusion is confirmed by epigraphic documents.*” (Tradução nossa.)

²⁶ Texto original: “*In affirming categorically that Mithra was introduced in this or that manner in a certain region, our generalization manifestly cannot lay claim to absolute exactitude. The concurrent causes of the spread of the Mysteries are so intermingled and intertwined, that it would be a futile task to attempt to unravel strand by strand the fibers of this entangled snarl.*” (Tradução nossa.)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, os textos da Antiguidade greco-romana nos fornecem apenas algumas pistas sobre as origens dos “mistérios de Mitra” no Império Romano. Embora os documentos literários de Estácio e de Plutarco, considerados neste artigo, nos ofereçam indícios sobre as possíveis origens do culto, tudo que nos oferecem de forma substancial neste momento são possíveis *links* com a Pérsia, uma provável inserção inicial do culto através dos piratas da Cilícia ainda no século I a.C., e a possibilidade da circulação da representação do mito da tauroctonia em Roma já no final do primeiro século de nossa era. Assim, a utilização apenas desses documentos, ignorando as descobertas mais recentes da cultura material, certamente seria bastante problemática.

Sobre a utilização dos documentos literários por Cumont para a construção de sua hipótese sobre as origens dos “mistérios de Mitra”, concluímos que ele confere a esses grande autoridade, não problematizando-os adequadamente, o que está em concordância com a forma como os historiadores de sua geração costumavam tratá-los. Dessa forma, ainda que Cumont tivesse grande conhecimento arqueológico dentro do que era possível em sua época, sua postura em momento algum pareceu confrontar as narrativas de Estácio e de Plutarco, mas, apenas “harmonizá-las” com a cultura material. Os estudos mais recentes sobre os “mistérios de Mitra” apresentam novas visões historiográficas acerca do desenvolvimento da crítica literária e da arqueologia, que em suma possibilitaram que nas últimas décadas os documentos literários da Antiguidade fossem estudados à luz da cultura material. Afinal, não são mais tratados como superiores como o eram pelos estudiosos positivistas do final do século XIX e da primeira metade do século XX. A superação dessa concepção sobre os documentos (BELTRÃO; SOUSA, 2022, p. 422), juntamente com a profusão da cultura material sobre Mitra, tem permitido que os estudiosos tentem ultrapassar as limitações impostas pela documentação literária, sem com isso abandoná-la. As pesquisas de Clauss, Beck e Chalupa, citadas ao longo deste artigo, são a prova disso. A própria visão “evolucionária” de história das religiões, adotada por Cumont, também tem sido substituída por perspectivas que não conferem *status* de superioridade ou de inferioridade para as diferentes religiões, o que também tem afetado a maneira como os pesquisadores têm realizado suas análises e suas narrativas da história, incluindo aí a dos “mistérios de Mitra”.

Por fim, vale ressaltar que o olhar mais atual sobre os documentos literários não encerra antigas discussões em torno dos “mistérios de Mitra”, mas, nos permite novas abordagens. Nesta perspectiva, o debate em torno das origens do culto em sua experiência romana pode e deve ser ainda mais aprofundado à luz das mais recentes descobertas arqueológicas. Temos certeza de que com o passar dos anos novas reflexões poderão ser



realizadas, mas, provavelmente sem oferecer um desfecho definitivo para o tema. Isso não significa que a obra de Cumont e os textos de Estácio e de Plutarco serão desprezados. No entanto, novas percepções e possibilidades exegéticas poderão ressignificar os sentidos que encontramos neles atualmente. No mais, a busca pelas “origens” da religião de Mitra continua sendo importante para compreendermos não apenas os caminhos percorridos por este culto no Império Romano, mas também para uma melhor compreensão da teologia oculta nas representações que podemos observar na cultura material, bem como sua cosmovisão, seus ritos e a “religião vivida” (RÜPKE, 2016, p. 1-7) pelos adeptos em diferentes lugares e períodos em que o culto foi praticado dentro do território imperial. Dada a sua importância, este tema certamente será revisitado muitas e muitas vezes ao longo dos próximos anos.

FONTES

APPIAN. The Foreign Wars. L. Mendelssohn (Ed.). Leipzig: Teubner, 1879. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3a1999.01.0229%3atext%3dMith..> Acesso em: 02 nov. 2022.

JUSTIN MARTYR. Apologies. Translated by D. Minns; P. Parvis. Oxford: Oxford University Press, 2009.

PLUTARCH. Plutarch's Lives. with an English Translation by Bernadotte Perrin. Cambridge, MA.: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1917. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Plut.+Pomp.+24&fromdoc=Perseus%3atext%3A2008.01.0123>. Acesso em: 02 nov. 2022.

STATIUS, P. Papinius. Statius, Vol. I-II. John Henry Mozley. London: William Heinemann; New York: G.P. Putnam's Sons., 1928. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3atext%3A2008.01.0498%3Abook%3D1..> Acesso em: 02 nov. 2022.

REFERÊNCIAS

BECK, Roger. Mithraism. **Encyclopaedia Iranica**, 2002. Disponível em: <https://iranicaonline.org/articles/mithraism>. Acesso em: 05 ago. 2022.

BECK, Roger. New thoughts on the genesis of the mysteries of Mithras. **Topoi**, 2001, p. 59-76.

BECK, Roger. The Mysteries of Mithras: A New Account of Their Genesis. **The Journal of Roman Studies**, vol. 88, 1998, p. 115-128.



BECK, Roger. **The Religion of the Mithras Cult in the Roman Empire: Mysteries of the Unconquered Sun**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

BELAYCHE, N. Coping with Images of Initiations in the Mithras Cult. **Mythos**, Dossier: Religious Images in the Roman World, 15, 2021, p. 140-166.

BELTRÃO, Claudia; SOUSA, Paulo Marcio Feitosa de. A *naenia* no funeral: revisitando o famoso relevo de Amiternum. **Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, jul./dez. 2022, p. 420-437.

BIVAR, Adrian David Hugh. **The Personalities of Mithra in Archaeology and Literature**. New York: Bibliotheca Persica, 1998.

BONNET, Corinne; LANNOY, Annelies. Narrating the Past and the Future: The Position of the religions orientales and the mystères païens in the Evolutionary Histories of Religion of Franz Cumont and Alfred Loisy. **Archiv für Religionsgeschichte**, 2018, 20 (1), p. 157-182.

CAMPBELL, Leroy A. **Mithraic Iconography and Ideology**. Leiden: E. J. Brill, 1968.

CARDOSO, Leandro Dorval. **A Tebaida, de Públio Papínio Estácio: introdução, tradução e comentários (cantos I-V)**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara - SP, 2018.

CHALUPA, Aleš. The Origins of the Roman Cult of Mithras in the Light of New Evidence and Interpretations: The Current State of Affairs. **Religio**, vol. 24, 2016, p. 65-96.

CLAUSS, Manfred. **The Roman Cult of Mithras: The God and His Mysteries**. New York: Routledge, 2000.

CUMONT, Franz. **The Mysteries of Mithra**. Chicago: The Open Court Publishing Company, 1903.

DALGLISH, Dominic. Reconstructions: Mithras in Rome. In: ELSNER, Jas (Ed.). **Images of Mithra**. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 15-38.

DOMINIK, William J.; GERVAIS, Kyle; NEULANDS, Carole E. Reading Statius. In: DOMINIK, William J.; GERVAIS, Kyle; NEULANDS, Carole E. (Ed.). **Brill's Companion to Statius**. Leiden & Boston: Brill, 2015, p. 3-30.

GORDON, Richard L. Franz Cumont and the doctrines of Mithraism. In: HINNELLS, John R. (Ed.), **Mithraic studies**, vol. 1. Manchester: Manchester University Press, 1975, 215-248.

HOPFE, Lewis M., Archaeological indications on the origins of Roman Mithraism. In: HOPFE, Lewis M. (Ed.). **Uncovering ancient stones: essays in memory of H. Neil Richardson**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994, p. 147–158

MERKELBACH, Reinhold. **Mithras**. Königstein: Hain, 1984.

POURSHARIATI, Parvaneh. **The Epic of Samak Ayar: The Literary Holy Grail of Mithraic Studies, East and West**. 9th European Conference of Iranian Studies, Free University of Berlin, Setembro, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Il67iiAds4>. Acesso em: 20 nov. 2022.



RÜPKE, Jörg. **On Roman religion: lived religion and the individual in ancient Rome**. London: Cornell University Press, 2016.

SCHEID, John. **La religion des Romains**. Paris: Armand Colin, 2017.

STADTER, Philip A. Plutarch and Rome. In: BECK, Mark (Ed.). **A Companion to Plutarch**. Chichester: Wiley Blackwell, 2014, p. 13-31.

TRIPOLITIS, Antonía. **Religions of the Hellenistic-Roman age**. Grand Rapids - Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2002.

TURCAN, Robert. **Mithra et le Mithriacisme**. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

ULANSEY, David. **Origins of the Mithraic Mysteries**. New York, NY: Oxford University Press, 1991.

WIDENGREN, Geo. Reflections on the Origins of the Mithraic Mysteries. In: **Perennitas: Studi in onore di Angelo Brelich**, Roma: Edizioni Dell'Ateneo, 1980.